

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA
CURSO DE PEDAGOGIA

Daniele Ferreira Lima

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NO TEMPO E
NO ESPAÇO EM *BISA BIA BISA BEL***

Paranaíba-MS

2017

Daniele Ferreira Lima

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NO TEMPO E
NO ESPAÇO EM *BISA BIA BISA BEL***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para obtenção do título de Licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Djalma Querino de Carvalho.

Paranaíba-MS

2017

L697p Lima, Daniele Ferreira

O processo de construção da identidade da criança no tempo e no espaço em *Bisa Bisa Bisa Bel*/ Daniele Ferreira Lima. - - Paranaíba, MS: UEMS, 2017. 41f.; 30 cm.

Orientador: Djalma Querino de Carvalho.

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

1. Criança. 2. Identidade. 3. Tempo 4. Espaço I. Lima, Daniele Ferreira. II. Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade de Paranaíba, Curso de Pedagogia. III. Título.

CDD – 372.414

Bibliotecária Responsável: Susy dos Santos Pereira- CRB1º/1783

DANIELE FERREIRA LIMA

**O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA NO TEMPO E NO
ESPAÇO EM *BISA BIA BISA BEL***

Este exemplar corresponde à redação final do trabalho de conclusão de curso apresentado e aprovado para a obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovada em/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Djalma Querino de Carvalho (Orientador)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Me. Jemerson Quirino de Almeida

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Me. Júnior Tomaz de Souza

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

À minha família, especialmente Sinomar e Dorca, por todos os desprendimentos dedicados à minha formação, e por serem referências em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, pela dedicação durante as orientações que sempre me incentivou a refletir e buscar o conhecimento.

Ao Gabriel, pelo amor que dedica a mim e por ser minha motivação e inspiração para correr atrás dos meus objetivos.

Aos meus irmãos Daiane e Silmar, pelo carinho e auxílio dedicados a mim, sempre se sacrificando para atender minhas necessidades.

E à princesa Isabella, por ser fonte de inspiração.

Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo o estudo da construção da identidade da criança no tempo e no espaço em *Bisa Bia bisa Bel*, obra de Ana Maria Machado. Para compreender o modo como a criança se constrói enquanto sujeito, o trabalho foi feito através de pesquisa bibliográfica, para analisar esse processo na criança, os autores referenciados nesse trabalho são Ciampa (1987) que trata a identidade como metamorfose, constante transformação onde a criança sofre influências históricas e do meio social e depende do outro para se construir enquanto sujeito. Para falar da importância do meio social neste processo utiliza-se Luria (2006) que trata dos processos de desenvolvimento mental, e fala da criança como um ser construído historicamente e inserido em um meio social que recebe influências em sua formação, nenhum indivíduo pode ser neutro ele sempre sofrerá influências. E a contextualização do processo de construção da identidade da criança onde as primeiras referências que ela recebe neste processo são de ordem afetiva e o modo como esse relação se realiza determinará se ela irá usar esse outro como referência em sua formação conforme Wallon (1941/2002), o meio social determinará sua formação, e quem ela vai ser quando crescer. Buscou-se demonstrar também o processo de construção de identidade de Bel no tempo através de uma análise da obra de Ana Maria Machado que em seu livro trata desse processo. Conclui-se que a criança é ativa neste processo mesmo não percebendo essas influências ela não é neutra, a identidade se constrói no tempo e se define por ele, porque é ele quem determina o que é importante no presente, passado e futuro.

Palavras- chave: Criança. Identidade. Tempo. Espaço.

ABSTRACT

This work aims to study the construction of the child's identity in time and space in *Bisa Bia Bisa Bel*, the work of Ana Maria Machado. In order to understand how the child is constructed as a subject, the work was done through bibliographic research, to analyze this process in the child, the authors referenced in this work are Ciampa (1987) that treats identity as metamorphosis, constant transformation where the child suffers historical influences and the social environment and depends on the other to build itself as subject. To speak of the importance of the social environment in this process, Luria (2006) deals with the processes of mental development, and speaks of the child as a being built historically and inserted in a social environment that receives influences in its formation, no individual can be neutral he will always suffer influences. And the contextualization of the process of child identity construction where the first references she receives in this process are affective and the way this relationship is determined will determine if she will use that other as a reference in her formation according to Wallon (1941/2002), the social environment will determine its formation, and who it will be when it grows up. It was also tried to demonstrate the process of Bel's identity construction in time through an analysis of the work of Ana Maria Machado that in his book deals with this process. It is concluded that the child is active in this process even though he does not perceive these influences, he is not neutral, the identity is built in time and defined by him, because it is he who determines what is important in the present, past and future.

Keywords: Child. Identity. Time. Space.

LISTA DE SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

FEBEMs – Fundação Estadual para o Bem Estar do Menor

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 IDENTIDADE E TEMPO	13
2 A IMPORTÂNCIA DO MEIO SOCIAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA	19
3 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CRIANÇA.....	23
3.1 Apresentação da obra e análise do processo de construção da identidade de Bel no tempo.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

O tema deste trabalho é o processo da construção da identidade da criança no tempo e no espaço em *Bisa Bia bisa Bel*, como referencial teórico serão utilizados os estudos de Ciampa (1993) suas contribuições para o conceito de identidade e suas relações com o espaço e tempo, Luria (1990) que fala sobre a importância do meio social no desenvolvimento cognitivo, artigos de Barbosa (2006), Vygotsky (1987), Kuhlmann (2003) que fala do conceito de infância construído historicamente e das políticas públicas criadas para sua proteção entre outros autores.

O interesse de pesquisar o tema é compreender como a criança se desenvolve, cria conceitos e referências, analisando a partir do conceito de identidade e tempo que não podem ser tratadas como dissociadas, assim como, da importância do meio social onde essa criança está inserida que não pode ser desconsiderada, pois, define o modo como essa criança aprende.

A pesquisa se norteou em buscas de referências bibliográficas que estudam o tema, a escolha do livro *Bisa Bia bisa Bel* se deu pelo fato da história do livro demonstrar o modo como ocorre um processo de construção de sua identidade de *Bel* no tempo a partir do contato com a história real e imaginária, de uma criança que está vivendo uma transição da infância para pré-adolescência, que nesse processo sofre influências do meio social.

Na história ela entra em contato com o passado de sua mãe e com as histórias de antigamente, passa a conhecer sua bisavó Beatriz e cria um personagem imaginário dela tomando-a principal influência em sua constituição enquanto sujeito, mas, demonstra também que em algumas passagens do livro que ela se frustra quando se depara com a dicotomia entre os costumes do passado de sua bisavó e de seu presente que sofreram mudanças no tempo.

A criança ao participar de diversos ambientes sociais recebe influências em seu modo de agir e pensar conforme ocorre o seu processo de identificação ela toma como referência o outro e conforme sua identidade se forma ela se repensa seu modo de agir e o refaz de acordo com o meio social.

Segundo Vygotsky (1995 p.177)

O homem se produz na e pela linguagem, isto é, é na interação com outros sujeitos que formas de pensar são construídas por meio da apropriação do saber da comunidade em que está inserido o sujeito. A relação entre homem e mundo é uma relação mediada, na qual, entre o homem e o

mundo existem elementos que auxiliam a atividade humana. Estes elementos de mediação são os signos e os instrumentos. O trabalho humano, que une a natureza ao homem e cria, então, a cultura e a história do homem, desenvolve a atividade coletiva, as relações sociais e a utilização de instrumentos. Os instrumentos são utilizados pelo trabalhador, ampliando as possibilidades de transformar a natureza, sendo assim, um objeto social.

Portanto, o meio determina o modo como essa criança se desenvolve, assim como, o tempo define o que é importante, quais estudos precisam se reformular, e os que permanecem, no processo de construção identitário da criança ele determina o modo como ela vai reconhecer o outro e conviver em sociedade.

É um processo sócio histórico onde as referências que uma criança possui estão em sua memória influenciando em sua formação de forma inconsciente é um processo contínuo que se transforma junto à história.

A princípio serão discutidos os conceitos de identidade e tempo e suas relações, a partir dos estudos Ciampa (1987), Castoriades (1992), Guattari (1993) e Souza e Faria (2011), que tratam a identidade como um processo que é construído na história, pois, o presente é consequência do passado.

Após essas discussões, para compreender esse processo fez-se necessário falar da importância do espaço nesse processo onde serão utilizadas as contribuições de Luria (1990) em que fala do espaço como principal determinante no desenvolvimento da criança e com a contribuição de outros autores para contextualizar os espaços sociais e suas influências na formação da criança.

E por fim, o processo de construção da identidade da criança e o processo da construção da identidade de Bel, que a partir dos autores citados e outros serão discutidas todas essas implicações, com exemplos de como ocorre esse processo na criança.

1 IDENTIDADE E TEMPO

Para compreender como se dá o processo de construção da identidade da criança precisamos compreender os conceitos de identidade e tempo.

Identidade pode ser compreendida como a consciência o reconhecimento individual que permite a distinção do eu e do outro, a identidade é definida pela relação do indivíduo com os outros conforme Laing (1989), Guattari e Rolnik (1993)

‘O sentido de identidade exige a existência do outro, por quem a pessoa é conhecida’ (Laing 1989, p.78), pois ‘a identidade é um conceito de referência, de circunscrição da realidade a quadros de referência, quadros esses que podem ser imaginários’. (GUATTARI E ROLNIK, 1993, p. 68).

Portanto, para que o indivíduo se reconheça deve haver o contato com o outro, essa identidade será constituída no meio onde essa pessoa está inserida e no tempo.

Conforme Ciampa

“Interessa-lhe o processo de construção da identidade, por isso lhe é possível recuperar o fato de que nos tornamos parecidos conosco na medida em que a existência social traça um perene jogo de espelhamentos diferenciações e igualdades que me definem em relação ao conjunto da humanidade”. (1993, p.116).

Nesse jogo de “espelhamentos” a referências que o indivíduo utiliza podem ser de qualquer espaço que ele ocupa, de ordem afetiva ou por quem ele sente admiração.

A letra da música de Raul Seixas “Metamorfose Ambulante” também contribui para a compreensão desse conceito de identidade em constante transformação onde diz:

“Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”

Partindo de um conceito de identidade como uma construção histórica social não se pode tratá-la como estática, deve-se analisar sua construção no tempo com todas suas implicações, em constante mudança, ligado às ações de cada indivíduo, portanto, é composta pela memória.

Utilizamos do artigo de Souza e Faria (2011) que citam Ciampa para conceituar identidade:

Entende identidade como metamorfose, ou seja, em constante transformação, sendo o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, seu contexto histórico e social e seus projetos. A identidade tem caráter dinâmico e seu movimento pressupõe uma personagem. A personagem, que, para o autor, é a vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, é fundamental na cultura identitária: representa-se a identidade de alguém pela reificação da sua atividade em uma personagem que, por fim, acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturar as personagens resultam diferentes modos de produção identitária. Portanto, identidade é a articulação entre igualdade e diferença.

Compreendemos que a construção da identidade é um constante processo que se dá através da história e do contexto social onde a pessoa está inserida, portanto, não podemos falar de identidade sem falar da importância do meio social e do tempo neste processo.

Considerando que tempo é história para compreendermos o processo de construção da identidade no tempo precisamos compreender seu conceito, como se dá sua construção na história, e como se dá a construção do tempo da criança.

O tempo é medido pelo espaço entre um acontecimento e o outro, um ano, um mês, um século, é socialmente construído. Ele divide a história entre passado, presente e futuro, e determina suas relações.

O tempo está presente em todos os aspectos sociais, pois, ele determina quem, o que, e quando é importante na história, altera o modo de vida das pessoas e a concepção de certo e errado.

Para contextualizar o tempo, faz-se necessário o conceituar como composto de vida que vivemos a cada dia. Quando nos damos conta do presente já estamos no passado, conforme Castoriadis, 1992, p163.

'Não existe espaço sem tempo, não existe tempo sem espaço. Nosso tempo não é tempo. Nosso tempo não é o tempo. Nosso tempo não tem tempo'.

Assim como o conceito de identidade o tempo não é estático é linear, tempo é história que estuda o passado e define o modo como as pessoas se comportam no presente, é a explicação do presente e a mudança para o futuro, é mudança contínua.

Esse conceito de linearidade pode ser explicado com a frase somos o que fomos quando sermos já não mais seremos.

O tempo passa muito rápido e as pessoas só se dão conta do seu presente e refletem sobre ele quando estudam o passado.

Conforme Castoriadis (1992, p.13), 'o espírito do nosso tempo... é rápido demais ou letárgico demais; muda demais ou muda de menos; produz confusão e equívoco'.

Já o tempo da criança pode ser explicado a partir da citação presente na publicação de Salomão, que usa a definição de Montessori:

A criança, por outro lado, vive com o tempo de uma maneira muito mais íntima. Para ela, o tempo não é feito de horas, minutos e dias. Mas de vida. O tempo se divide em música, brincadeira, comida, escola, colo, cama. Os cortes do tempo se dão pelo chamado, pelo carinho, pelo grito, pela interrupção feita pelo adulto. E a lógica do tempo é a da repetição, da rotina e do ritual.

A criança constrói a noção de tempo a partir do que aprende sobre ele, quando compreende que ele não é apenas marcado pelo relógio para organizar sua rotina e percebe que o tempo é a história, uma lembrança do passado, a conclusão de um cientista que levou anos para concluir seus estudos, o fator determinante do modo como a sociedade se organizara nos próximos anos e décadas.

No passar do tempo houve muitas conquistas que as gerações passadas não desfrutaram, como por exemplo a evolução da ciência, melhorias na qualidade de vida em alguns aspectos e retrocessos em outros.

A história da colonização brasileira, por exemplo, é marcada pela valorização da tradição europeia tratada como importante, e desvalorização da cultura brasileira.

Os negros e índios foram discriminados e tratados como ignorantes que precisavam ser educados. Essa injustiça é fruto de uma colonização europeia que chegou ao Brasil e os escravizou, ignorando a riqueza cultural desse povo.

O campo de estudos sobre escravidão e identidade negra atualmente é muito importante, porém, no passado não era relevante, o preconceito disseminado por uma elite branca que tratava o negro como ignorante e inferior degradou sua vida ao longo da história.

Os negros e os índios ainda não ocuparam o espaço que lhe são destinados na sociedade. Alguns estudiosos afirmam que o preconceito foi erradicado com o fim da escravidão, mas, se observarmos ainda no século XXI a maior parte da população pobre é negra e tem menos acesso a uma educação de qualidade, chegamos a conclusão que foram poucas as mudanças.

Apesar da criação de políticas públicas para reparar as injustiças do passado não é possível apagar uma parte da história, o passado sempre irá sobrepor o presente de certa forma.

Assim como o estudo sobre mulheres, crianças e família surgem e se tornam extremamente importantes após muitas lutas, antes disso as mulheres detinham de restrições morais e comportamentais. O homem era chefe da casa assim como o responsável pela tomada de decisões e cabia às mulheres o papel de esposas obedientes.

Esse preconceito de gênero se perpetuou ao longo da história e ainda se faz presente. A sociedade mantém essas diferenças de forma superficial. Quando são atribuídas críticas a uma menina que gosta de brincar com os meninos, de brincadeiras como correr, pular, subir nas coisas, e assim, transferem para a criança esses preconceitos os mantendo presentes na vida das pessoas.

As mulheres passaram por muitas dificuldades para conquistar alguns espaços ao longo da história. Ao ingressarem ao mercado de trabalho, por exemplo, surgiram novas necessidades como a criação de instituições especializadas para receber essas crianças enquanto as mães trabalhavam. Conforme a citação de KUHLMANN (apud ARAGAO e KREUTZ, 2009, p.28).

Assim a primeira creche foi inaugurada em 1899, no Rio de Janeiro, destinada a filhos de operários da fábrica de tecidos Corcovado. Após, em 1901, foram inauguradas em São Paulo escolas maternais e creches agregadas a asilos para órfãos, chegando a 18 unidades maternais e 19 creches-asilo no ano de 1910. Em Belo Horizonte, em 1908, a prefeitura inaugurou a escola infantil Delfim Moreira e, em 1914, a Escola infantil Bueno Brandão. Em Porto Alegre, a primeira creche foi inaugurada somente na década de 40 do século XX. Vale ressaltar que as creches não eram instituições de ensino a priori, mas sobremaneira de assistencialismo. Tinham como objetivo dispor um espaço para que as crianças ficassem enquanto suas mães trabalhavam, estando livres dos perigos do mundo e cuidadas em sua saúde e higiene.

Apesar de todos esses enfrentamentos elas permaneceram na luta pelos seus direitos. Ainda é possível verificar no século XXI mulheres exercendo os mesmos cargos que homens com remuneração inferior a deles, consequência de uma desvalorização do trabalho da mulher que ocupou por muito tempo na história o papel de dona e casa.

Ao falar sobre o enfrentamento das mulheres para conquistar seus direitos, surgem outras questões que se alteraram ao longo da história e que estão relacionadas, o conceito de infância, por exemplo, foi historicamente construído e

também sofreu mudanças no tempo, na Idade Média a criança era tratada como adulto em miniatura, eram vestidas e se comportavam da mesma forma que os adultos.

Ao estudar o tema infância na Roma Antiga, observa-se que o nascimento de uma criança “não era apenas um fato biológico”, mas também um fato de aceitação paterna. Isso porque quando o pai elevava a criança do chão o mesmo estava aceitando criá-la, sendo este um ato de adoção. De acordo com Veyne apud Niehues e Costa (2012, p.285)

“Durante este período da história a contracepção, o aborto e morte de crianças eram atitudes corriqueiras e consideradas legítimas, sendo estes abandonados raramente sobreviviam.”

Áries apud Niehues e Costa (2012, p.285-286) afirmam que:

O sentimento da infância desenvolveu-se paralelamente ao sentimento de família, se manifestando por meio de intimidade e diálogo familiar de modo que a família volta-se para a criança. Neste contexto a criança surge para ser amada e educada, sendo que esses deveres constituíram a família base da sociedade. Essa transformação implicou em se planejar os nascimentos, pois, os pais passaram a se sentir responsáveis pelo futuro da criança.

Com a evolução do conceito de infância surgiram políticas públicas voltadas para elas, de acordo com Siqueira (apud Gonçalves et al, 2015, p.2),

O código de menores (BRASIL, 1979), criado em 1927 e revisado em 1979, foi o primeiro documento legal que tratou da infância e da adolescência desamparadas. Segundo a autora, no código de menores a criança e o adolescente eram considerados como “menores” e legislava estabelecendo estratégias para manter a disciplina e o controle dos “desviados”, que causavam ameaça a sociedade.

Posteriormente foram criadas outras instituições como FEBEMs unidades estatais que realizam atendimento de crianças e adolescentes menores infratores que receberam críticas por serem consideradas como um isolamento social, que não permite que o menor repense seu ato e se redima, mas o coloca frente a outras situações que o influenciam de forma negativa.

Surgiu também o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) em 1990 que prevê a proteção integral a criança e ao adolescente.

Ao longo da história esses conceitos se alteraram. Desta forma, é possível concluir que o tempo altera o modo de vida das pessoas, e ao verificar essas mudanças compreendemos o presente e por que vivemos de certa forma e não de outra.

A identidade de uma pessoa sofre essa influência. Os costumes e conceitos construídos na história perpassam a vida das pessoas e define suas relações entre si, portanto, não se pode falar de identidade sem verificar a memória (história) das pessoas e o espaço onde ela está inserida.

2 A IMPORTÂNCIA DO MEIO SOCIAL NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA

O processo de construção identitária tem início com o reconhecimento de que, na sociedade, a identidade social dos indivíduos é limitada pela própria tradição, pelo parentesco ou pela localidade.

Portanto, não se pode tratar do tema identidade no tempo sem falar da importância do meio social nesse processo.

Luria (1990) vê na criança a capacidade de pensar, que é formada e desenvolvida a partir de suas experiências e nível de conhecimento que se tem contato, como algo capaz de influenciar o comportamento, o transformando conforme os aspectos sócio-culturais da sociedade em que a criança está inserida.

[...] a estrutura da atividade cognitiva não permanece estática ao longo das diversas etapas do desenvolvimento sócio-histórico e as formas mais importantes de processos cognitivos – percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e auto-análise da vida interior – variam quando rudimentos de conhecimento são adquiridos. (LURIA, 1990, p. 215);

Não é impossível tratar o processo de construção de identidade como neutro, pois, a todo o momento estamos cumprindo papéis que são determinados pelo meio social, o ser humano deve refletir de forma ativa o que está em seu meio e todo o conhecimento com qual tem contato. Utilizamos de Ciampa (1994) para contextualizar essa ideia.

“Em cada momento da minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando estou frente a meu filho, relaciono-me como pai; com meu pai, como filho; e assim por diante. Contudo, meu filho não me vê apenas como pai, nem meu pai me vê apenas como filho; nem eu compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas sim como representante de mim, com todas minhas determinações que me tornaram um indivíduo concreto. Desta forma, estabelece-se uma intrincada rede de representações que permeia todas as relações, onde cada identidade reflete outra identidade, desaparecendo qualquer possibilidade de se estabelecer um fundamento originário para cada uma delas. Este jogo de reflexões múltiplas que estrutura as relações sociais é mantida pela atividade dos indivíduos, de tal forma que é lícito dizer-se que as identidades, no seu conjunto, refletem a estrutura social ao mesmo tempo que reagem sobre ela conservando-a ou a transformando”. (1994, p.67)

Desta forma verificamos que uma criança que deriva de uma classe social de baixa renda tem menos acesso à cultura e oportunidades de alcançar um diploma no curso que almeja devido às dificuldades durante o processo de escolarização,

assim, mantém-se um sistema excludente onde as desigualdades sociais nunca serão erradicadas.

Conforme contribuição de Soares, Tonet apud Guzzo e Filho 2005.

A necessidade de se apropriar da atividade intelectual e das técnicas refinadas de produção passou a compor o rol da divisão social do trabalho e, neste sentido, a classe dominante passou a compreender a Educação como elemento fundamental para a manutenção da desigualdade social, uma vez que os conhecimentos científicos e tecnológicos passaram a ser compreendidos como, cada vez mais necessários para o desenvolvimento do sistema produtivo (SOARES, 2004; TONET, 2005).

É o jogo de papéis que define o lugar de cada um de uma forma superficial. Os ambientes que essa criança de classe baixa habita são mais frágeis e marginalizados o que faz com que ela esteja à margem.

[...] Um espaço e um tempo cultural e historicamente situado, um aqui e um agora específico. [...] O contexto é um mundo apreendido através da interação e o quadro de referência mais imediato para actores mutuamente envolvidos. [...] pode ser visto como uma arena, delimitada por uma situação e um tempo, onde se desenrola a atividade humana. É uma unidade de cultura. [Desse modo] as crianças não podem permanecer incólumes aos contextos em que se movem, tal como os contextos se moldam à sua presença, as crianças e os seus contextos influenciam-se mutuamente. (GRAUE; WALSH, 2003, p.25).

Diante da citação verificamos que o espaço e tempo definem que referências essa criança irá receber, portanto, a família e a escola são as principais responsáveis pelo início desse processo.

A família é a primeira a exercer influência sobre essa criança por ser o seu espaço natural e sofreu alterações em sua estrutura durante toda história em seus costumes e estrutura, conforme citação de Salvador:

[...] Todas vivem em crises e dificuldades, associadas à educação e ao crescimento dos filhos, as mudanças que se produzem no caráter do casal, ao que te, como protagonista algum dos progenitores ou ambos e o seu mundo fora da família (trabalho, relação, etc), a acontecimentos tais como, por exemplos, separações, divórcios, etc (SALVADOR et al., 1999, p.158).

A criança inserida no meio familiar sofre com todas as alterações na estrutura familiar e essas influências refletem em sua aprendizagem, cabe a família cuidar para que a criança receba essas mudanças de forma positiva ou mesmo desmotivada que supere esses problemas familiares sem que eles interfiram de forma negativa em seu processo de escolarização.

A família, que é imprescindível para o desenvolvimento da criança, deve exercer o seu papel de controlar o comportamento desta cultivando o respeito, fornecendo apoio emocional, e afetivo.

O papel da instituição escolar é o de promover o crescimento humano, mediando para que o aluno construa sua própria história de forma ativo no processo de construção do conhecimento e não passivo.

De acordo com Piaget(1984) e Vygotsky (1998) a aprendizagem é resultado da interação entre os indivíduos, considerando-se a manutenção biológica, a bagagem cultural.

Portanto, precisa-se levar em consideração que cada família é diferente da outra, e que cada aluno chegar no ambiente escolar com um tipo de formação.

Verificamos essas principais diferenças nas contribuições de Salvador:

Práticas educativas em que exerce um notável controle sobre a conduta dos filhos, em que há uma forte exigência de maturidade, em um ambiente pouco comunicativo e em que o afeto é pouco manifestado. Essas práticas refletem o estilo de pais denominados autoritários, que tendem a fomentar nos filhos uma baixa autoestima e uma dependência excessiva, acompanhada de sentimentos de tristeza e infelicidade;

Práticas educativas em que se exerce pouco controle e há escassa exigência de maturidade, acompanhadas de um ambiente comunicativo e com elevadas manifestações de afeto. Essas práticas refletem o estilo dos pais denominados permissivos, e seus filhos costumam a ter baixa autoestima e pouco controle sobre si próprio, além de certa imaturidade;

Práticas educativas em que um elevado grau de controle e de exigências maturidade combina-se com um ambiente bastante comunicativo e afetuoso. Essas práticas refletem o estilo dos pais denominados democratas. Considera-se que favorecem a autoestima dos filhos e que contribuem ao alcance da autorregulação responsável (SALVADOR, 1999, p. 166).

Vygotsky fala desse desenvolvimento como um processo biológico e social conforme citação,

Ambos os planos de desenvolvimento o natural e o cultural coincidem e se amalgamam um ao outro. As mudanças que têm lugar nos dois planos se intercomunicam e constituem, na realidade, um processo único de formação biológico social da personalidade da criança. Na medida em que o desenvolvimento orgânico se produz em um meio cultural, passa a ser um processo biológico historicamente condicionado. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento cultural adquire um caráter muito peculiar que não pode comparar-se com nenhum outro tipo de desenvolvimento, já que se produz simultânea e conjuntamente com o processo de maturação orgânica e que seu portador é o mutante organismo infantil em vias de crescimento e maturação. (1931/2013a, p. 36).

Os professores devem atuar sobre o desenvolvimento infantil organizando os tempos e espaços aproximando-as do meio onde esta criança está inserida para potencializar a aprendizagem.

3 O PROCESSO DE CONTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA CRIANÇA

Para iniciar essa discussão se faz necessário uma análise sobre uma pergunta muito comum feita às crianças no início do processo de escolarização: “o que você quer ser quando crescer?”.

Ao responder essa pergunta a criança utiliza-se das referências que tem do meio onde está inserida. Desta forma, verificamos que a criança está construindo sua identidade a partir do outro; ela provavelmente escolhe uma pessoa que admira para se espalhar ou que percebeu um certo “status” em relação à profissão dela.

Criam-se referências como o super-herói do desenho animado, o vilão, o bom samaritano, sempre havendo uma intencionalidade por trás do produtor desses personagens.

Conforme Guattari, Rolnik (1993)

O que é produzido pela subjetividade capitalística, o que nos chega através da mídia, da família, enfim, de todos os equipamentos que nos rodeiam, não são apenas ideias; não são a transmissão de significações através de enunciados significantes; nem são modelos de identidade ou identificações com pólos maternos, paternos, etc. São, mais essencialmente, sistemas de conexão direta, entre, de um lado, as grandes máquinas produtoras e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo.

A família e a instituição escolar são os primeiros espaços que a criança ocupa, portanto, são responsáveis por filtrar o que a criança deve ter contato. É nesses espaços que ela recebe as primeiras influências no processo de construção da sua identidade.

Um ambiente farto em interações, que acolha as particularidades de cada indivíduo, promove o reconhecimento das diversidades, aceitando-as e respeitando-as. Ao mesmo tempo em que contribui para a construção da unidade coletiva, favorece a estruturação da identidade, bem como de uma autoimagem positiva e o desenvolvimento da sua autonomia.

Desta forma, um ambiente enraizado de preconceito e intolerância, pelo contrário, contribui para que esse aluno reproduza esses comportamentos nos espaços sociais que frequenta, principalmente na escola com os colegas.

Assim, podemos definir identidade conforme a citação que segue:

Assumindo uma abordagem sócio-histórica, entendemos a identidade como um processo (e não apenas um produto) que acontece tanto nas relações interpessoais quanto nas individuais, e que o processo de identificação articula vários fatores, como raça, história pessoal, escolha sexual, assim como a cultura. Enfim tudo aquilo que une e separa o indivíduo do outro, abrangendo tempos e espaços sociais. A identidade se constitui dessa ótica, como uma experiência plural, com forte influência cultural, sendo a presença do outro fundamental para sua constituição e afirmação (VYGOTSKY, 2007; WALLON, 1975, 1997 apud LOPES e BARBOSA).

Percebemos com a citação que ao longo da vida as pessoas constroem sua identidade, portanto, percebemos que ninguém é completo, a todo o momento nos construímos enquanto sujeitos.

Conforme a citação de Ciampa (1997), observamos que a identidade é 'contraditória, múltipla e mutável, mas ao mesmo tempo é una, caracterizando-se como um vir-a-ser sempre inacabado'.

[...] cada instante da minha existência como indivíduo é um momento de minha concretização (o que me torna parte daquela totalidade), em que sou negado (como totalidade), sendo determinado (como parte); assim, eu existo como negação de mim-mesmo, ao mesmo tempo em que o que estou-sendo sou eu-mesmo (p. 68-69).

Portanto, nenhum indivíduo pode se tornar em algum momento neutro, sempre sofrerá influência do meio onde está inserido inconscientemente, sempre estará em constante mudança.

Cabe a ela o papel principal na construção da identidade criança conforme Ivone Barbosa:

'a família como meio fundamental onde habita a criança e, simultaneamente, como meio educativo e um grupo fundamental no desenvolvimento cultural e psicológico daquela. Nossa perspectiva toma a infância como um conceito sócio histórico e culturalmente construído, sendo a criança sujeito ativo nas relações sociais, possuidor de direitos, capaz de transformar a realidade e a si próprio (BARBOSA p. 3, 1997)'.

Nesse processo a criança recebe as influências sem perceber. Esse processo é imperceptível, quando a criança reproduz uma "travessura" e se explica dizendo que o colega também fez ela está sofrendo influência do outro.

A criança começa a construir sua identidade ao entrar em contato com o outro e esse processo se dá quando ela formula os conceitos de passado em sua memória e o constrói no tempo e no espaço. Ela toma uma pessoa como referência. Essa escolha pode ser de ordem afetiva, como a escolha de algum de sua família, mas também pode ser de um amigo que essa criança tem admiração.

E a partir das interferências do outro em sua vida ela vai construindo sua identidade, não só na infância, mas em toda sua vida, pois verificamos que a identidade é um processo contínuo.

Esse processo de construção da identidade da criança no tempo inicia-se quando ela começa a ter contato com o outro, e denomina o “não eu” em seu inconsciente, nele a criança não percebe que a todo momento está sendo influenciada pelo outro.

A relação desse processo com tempo se dá porque o tempo determina a história e a identidade de um sujeito são suas memórias no tempo.

3.1 Apresentação da obra e análise do processo de construção da identidade de Bel no tempo

Na leitura de *Bisa Bia, Bisa Bel*, obra de Ana Maria Machado, viajei nas lembranças junto a Bel, personagem central do livro, uma criança sonhadora como a maioria das crianças que vive em um mundo de fantasias, aventuras e descobertas. A história dela é um pouco complicada de se entender, na verdade, segundo ela, nem ela mesma se compreendia.

A história do livro demonstra o modo como a criança compreende as mudanças temporais e constrói sua identidade no tempo. Bel, nossa personagem principal, durante toda história do livro demonstra dificuldade na compreensão do que é o tempo, e no desencadear da história compreende como se dão as mudanças a partir dele, formando sua identidade.

Para compreender um pouco sobre a construção da identidade de Bel no tempo, nessa parte do trabalho demonstraremos um breve resumo de sua história.

Sua mãe, uma personagem importante na história, não era habituada a manter a casa muito organizada, e nessa desorganização ia acumulando coisas aqui, coisas ali, até precisar encontrar algo e iniciar uma aventura para encontrar o que procurava.

Bel adorava essa bagunça, principalmente quando sua mãe resolvia “dar uma geral” na casa, porque ela sempre encontrava coisas legais durante a organização que até ela ficava impressionada com o que encontrava.

Em um desses dias que sua mãe resolveu dar uma geral na casa, durante a arrumação encontrou um envelope com retratos antigos que eram de crianças no

meio de plantas, pessoas sérias e brinquedos. Neste momento, ao ver as fotos, sua mãe começou a se recordar do passado e a partir dos retratos explicava para Bel como eram as coisas de antigamente.

Diante da exposição sobre a memória da mãe, Bel via passar por sua cabeça o que era o passado, que para ela ainda não existia, e a partir do contato com o passado de sua mãe, passa a construir em sua vida um referencial sobre o que é passado e, conseqüentemente, o que é presente e futuro. Esses conceitos se modificavam na cabeça dela a cada nova vivência.

Bel ficava intrigada com as histórias que a mãe contava porque não compreendia como as pessoas, objetos lugares eram tão diferentes no passado, pois esse conceito de tempo era novo para ela e só passa a fazer sentido quando se torna presente em sua vida.

Ela sempre se questionava em pensamento como sua mãe poderia explicar tantos detalhes daqueles retratos antigos, como por exemplo, porque a planta tinha formato de cachorro, que segundo ela esculpir animais em plantas era “modinha” na época, e não obtinha resposta para essas dúvidas porque em sua mente ainda não existia essas memórias, pois ela só passa a compreender essa dimensão do espaço no tempo quando começa a conviver com as histórias do passado de sua mãe.

A partir dessa conversa Bel começa a compreender um pouco sobre o tempo, antes disso, o tempo para ela significava o início da brincadeira, a hora de ir para a escola, do almoço e jantar, representava suas ações, mas quando ela passa a conhecer um pouco sobre o passado de sua mãe começa a construir em sua vida o conceito de que o tempo é composto de vida e história, e percebe que sua definição é muito mais complexa do que ela imaginava. Essa conversa foi a primeira de muitas que a ajudaram a formar esse conceito.

Desta forma, verificamos que o meio onde a criança está inserida determina o modo como ela vai se desenvolver, e que esse desenvolvimento se dá a partir do tempo, com base nele continuaremos uma análise da história para verificar esse processo na criança.

A mãe de Bel continua suas arrumações e durante esse diálogo sobre as recordações de sua mãe e exposição das fotos ao abrir um envelope de papel pardo encontrou em meio a outros retratos um que era oval e cor sépia, de uma menininha linda de cabelo cacheado e vestido claro cheio de fitas e rendas. Era a bisavó de Bel que se chamava Beatriz.

Se Bel já estava confusa em relação às mudanças a partir do tempo diante da revelação de que aquela criança do retrato era sua bisavó, fica ainda mais intrigada.

Desde o momento que sua mãe lhe apresenta Bisa Bia através do retrato, como forma de recuperar o tempo perdido que passou sem saber da existência de sua bisavó, Bel passa a carregar o retrato para a escola, nas brincadeiras de rua, em todos os lugares, para conhecê-la melhor e brincar com aquela menininha que para ela é a coisa mais linda do mundo.

Bel tratava sua bisavó Bia como uma criança, pois, em sua mente ainda não estava claro a concepção de tempo. Para ela sua bisavó era como no retrato, seria impossível para ela naquele momento entender que sua bisavó teve infância assim como ela e que se tornou adulta, porque era o seu primeiro contato com o passado.

E nesse emaranhado de confusões e descobertas na cabeça de Bel ela passa a imaginar como seria sua vida ao lado de Bisa Bia, que antes disso ela sequer sabia que existia. Em sua maior fantasia ouvia a voz da sua bisavó, os conselhos, as lembranças do tempo dela, aprendia coisas, e nesse contexto faz uma viagem até o futuro, imaginando como era o passado e fantasia seu presente.

Bel entra em um mundo de fantasias que se misturam com sua realidade e interferem em sua formação. Bisa Bia se torna a personagem mais importante dessa história, ela participa de muitas aventuras dentro da imaginação de sua bisneta e contribui na construção de sua identidade no tempo.

A primeira aventura das duas foi muito marcante para Bel. Um dia ela recebeu convite dos amigos para brincar na rua, e logo aceitou participar da brincadeira. Queria que sua bisavó participasse também, então resolveu guardar seu retrato preso com o elástico da cintura do short durante o pique no pátio, “corre corre”, “pega pega”. A brincadeira foi divertida para ela mais não para sua bisavó.

Bisa Bia pensava que meninas não poderiam brincar de correr, pular, subir em árvores. Para ela, somente os meninos deveriam participar deste tipo de brincadeiras e ao ver sua bisneta na rua com os meninos brincando toda suada ela ficou muito chateada.

Para explicar esse modo de pensar de sua bisavó analisamos a época em que ela viveu, um período histórico e político conservador, que valorizava a organização hierárquica, a família, e tinha aversão por certas “modernidades”, por isso ela pensava desta forma com este preconceito de gênero.

Bel vivia em outro momento histórico e não conhecia todo esse conservadorismo de sua bisavó, ela começava a conviver com ele a cada nova aventura e discordava dessa forma de pensar, por viver em um meio social que considerava ultrapassado o modo que bisa Bia pensava.

Depois da brincadeira na rua Bel retornou para sua casa e foi direto para banho tirar toda aquela sujeira e suor que estava depois de toda correria na rua, e ficou surpresa ao perceber que o retrato de sua bisavó não estava mais lá em sua cintura.

Na sua imaginação sua bisa havia se perdido de propósito por não concordar com toda correria, pois ela preferia ver sua bisneta “quieta e sossegada num canto como uma mocinha bonita e bem comportada”, ao invés de ficar suada e toda suja brincando na rua. Para bisa Bia aqueles comportamentos não eram modos de moças e sim de moleques.

Na verdade Bel tinha perdido o retrato de sua bisa, ela tentou se recordar de todos os lugares onde andou que pudesse encontrá-lo, mas não conseguiu se lembrar do momento em que o perdeu. Sua mãe já havia lhe dado ordens para tomar cuidado para não perder o retrato, então, com medo da reação da mãe ao descobrir da perda ficou ensaiando uma resposta para quando ela lhe perguntasse sobre ele.

Ela inventou logo como desculpa para se livrar das perguntas de sua mãe sobre o retrato que ele estava guardado “grudado em sua pele igual tatuagem invisível no peito com o suor”. Sua bisa passava a morar dentro do seu coração, e com essa “mentirinha de criança” que para ela tinha um fundo de verdade acabou conseguindo enrolar sua mãe que não lhe perguntou mais nada a respeito do retrato.

A perda do retrato não acabou com a fantasia de Bel. Bisa Bia ainda existia em sua imaginação, as conversas entre elas passaram a ser extensas, elas falavam sobre como era a época delas. A cada conversa acontecia uma nova descoberta sobre coisas que uma não conhecia do tempo da outra.

Bisa Bia adorava contar suas experiências, dar conselhos, falar das lembranças do seu passado, ensinar coisas, e nessas conversas sempre aparecia uma palavra estranha que Bel não conhecia como o álbum de figurinhas de sua bisa que era chamado na época de “cromos”.

Sua bisavó também não conhecia certas coisas da época de Bel, por exemplo, televisão, sofá-cama, liquidificador e cachorro quente. Ela ficava assustada com as mudanças, no tempo dela não existia nada disso.

Os costumes da época de bisa Bia eram muito diferentes da época de sua bisneta, as mulheres não usavam calça jeans somente saia e vestido, pois a calça era considerada uma vestimenta masculina, assim como, brincar de pega pega, subir em árvores e assoviar eram comportamentos de meninos, as meninas brincavam de boneca e aprendiam a cuidar das tarefas domésticas desde cedo.

Diante dos comportamentos de bisa Bia em relação às brincadeiras de sua bisneta, podemos perceber que ela tinha uma postura machista, arcaica baseada no preconceito de gênero como explica SCOTT (1995) na citação presente no artigo de FINCO, (2003 p. 91-92) que nos diz:

Gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interação humana. É a construção social que uma dada cultura estabelece ou elege em relação a homens e mulheres. O conceito de gênero implica conhecer, saber mais sobre as diferenças sexuais e seus significados. Compreender como são produzidas, pelas culturas e sociedades, as diferenças nas relações entre homens e mulheres, Portanto, como nos diz Scott (1995), gênero pode ser entendido como a organização social da diferença sexual.

Conforme a citação o gênero define as relações sociais, o modo como a sociedade se organiza nos espaços sociais na família, na escola e no trabalho. As diferenciações a partir do gênero são perpetuadas de geração para geração, sempre tratando a mulher como inferior e atribuindo a ela o papel de esposa e dona de casa, enquanto os homens ocupam os melhores cargos, pois são dotados de força e inteligência.

Desta forma, verificamos que na história as referências que bisa Bia tinha em sua identidade rotulavam a mulher que deveria ser obediente, delicada e recatada e ela queria que sua bisneta se comportasse assim, totalmente oposto ao modo como ela se comportava.

Bel vivia em uma época em que essa diferenciação de brincadeiras, comportamentos e roupas pelo gênero não eram tão rígidas. Ela se comportava conforme seus desejos de criança que não existia em suas vontades o preconceito de gênero. Esse preconceito não existe para a criança, ele é cultivado pelo meio social.

Bisa Bia, mesmo percebendo que sua bisneta não concordava com certos conselhos e lições de moral, insistia neles e acabava a deixando revoltada com seus palpites.

Cansada das interferências de sua bisavó Bel resolveu tapar os ouvidos para não a ouvir, porém, não adiantou. Ela continuou ouvindo a voz de bisa Bia, ela estava transparente em seu peito como tatuagem e em sua imaginação era impossível ignorá-la.

Então, para se livrar da “falação” de sua bisa, ela resolveu cantar, inventou uma música que era assim: “experimenta experimenta quem não pimenta nunca se esquentar quem nunca tenta jamais inventa experimenta experimenta”.

Mesmo bisa Bia sendo a referência mais importante para Bel, ela queria viver suas próprias experiências a partir dos conselhos de sua bisavó e não fazer só o que ela queria.

Ela cantou tanto que adquiriu uma dor de garganta que atrapalhava a cantoria, mas mesmo com dor de garganta Bel queria ignorar de alguma forma sua bisa porque não aguentava os palpites dela, por serem palpites antiquados que sempre a colocavam em uma situação constrangedora.

Bisa resolveu se explicar para sua bisneta dizendo que a aconselhava para o seu bem e só estava tentando ajudar, mas Bel não queria saber nem de ouvir sua voz e chegou ao extremo de sua paciência com bisa Bia e começou a assoviar para ignorá-la.

E sua bisavó foi logo dizendo a Bel um ditado popular daqueles de sua época carregado de superstições “meninas que assoviam e galinhas que cantam nunca tem bom fim...” Sua bisneta se entristecia com os comentários de bisa Bia, e ela completava: “assovio não é feio, feio é menina assoviando são modos de moleque de rua”.

Bisa Bia sempre insistia em moldar os comportamentos de sua bisneta para que ela agisse conforme suas determinações, e não percebia que essas insistências acabavam afastando as duas.

E foi durante essa briga por assovio que Bel escuta pela primeira vez uma voz misteriosa que ela não conhecia que começou a aconselhar a fazer o que bem entendesse, dava conselhos também para seguir seu coração e ser ela mesma.

A voz misteriosa passou a aconselhar Bel sempre que ela estava confusa nos momentos em que ela estava irritada com sua bisa Bia, sem saber o que fazer, em dúvida sobre qual decisão deveria tomar diante de um problema.

Essa voz assim como bisa Bia contribuiu no processo de construção da identidade de Bel, e ela só descobriu quem era a dona da voz no final da história, depois de ouvir muitos conselhos e se cansar de dar ouvidos a uma pessoa desconhecida.

Bisa Bia sempre tentava ajudar sua bisneta interferindo na vida dela, mas, devido essas diferenças do modo de vida delas construídas culturalmente sempre acontecia uma situação constrangedora para Bel.

Uma das situações que bisa Bia tentou ajudar e prejudicou sua bisneta foi em um dia que Bel estava gripada, ficou semanas sem ir à escola, mas, já estava entediada e com saudades de um garoto que ela gostava, o Sérgio. Eles estudavam na mesma sala, então, mesmo ainda sentindo mal resolveu ir à escola.

Ao chegar à escola reencontrou seus amigos que não via há algum tempo e Sérgio que foi logo cumprimentá-la. Ao iniciar um assunto com ele Bel sentiu vontade de espirrar, como estava gripada foi logo procurando o lenço de papel que havia guardado no bolso para limpar o nariz, e não encontrou. Foi uma tragédia para ela que espirrou e estava com o nariz a escorrer na frente do garoto que ela gostava e de todos os amigos do colégio.

Sérgio não perdeu a oportunidade, começou a zombar de Bel na frente de seus colegas. Ela ficou muito irritada e pensativa, tentando descobrir o que poderia ter ocorrido com o lenço que havia desaparecido do seu bolso.

Vendo sua angústia bisa Bia então resolveu revelar à sua bisneta que havia derrubado o lenço de seu bolso, porque segundo ela no seu tempo, se uma dama deixasse cair um lenço um rapaz cavalheiro sempre recolhia e o entregava à dama, e que os lenços de seu tempo não eram como aqueles descartáveis e sim de pano.

Bel correu para o banheiro e ficou chorando arrasada pela vergonha que passou na frente de seus amigos, causada pela interferência de sua bisavó. Para ela aquele foi o maior vexame de sua vida. Sua bisa tentava se explicar mais era impossível se justificar.

Bisa Bia tentou conversar e falar para ela que estava tentando ajudar, que no seu tempo os rapazes eram cavalheiros, porém, Bel não queria ouvir a voz de sua

bisavó. Estava cansada dos conselhos e de ouvir dela: “aprendi com minha experiência”, que sempre acabava atrapalhando seus planos.

Então ela começou a gritar furiosa “eu sou eu”, para que sua bisavó compreendesse que a cultura das duas era muito diferente e que não poderia interferir daquela forma sem saber se sua bisneta concordava com suas ações.

Até que uma professora passou ao lado do banheiro das meninas e a ouviu, pensou que ela estava com febre delirando, gritando daquela forma sozinha no banheiro. Então, avisou a direção da escola que e a levaria para casa porque estava passando mal. Bel adorou a ideia porque seus colegas de sala ficaram com remorso por rir dela ao saber pela professora que ela foi levada para casa delirando.

Ao chegar em casa Bel resolveu conversar com sua mãe e perguntar sobre como eram os lenços de seu tempo, pois ficou intrigada ao ouvir de sua bisavó que no tempo dela eram de pano bordados e coloridos.

Sua mãe respondeu que eram de pano bordados, mas logo disse que era horrível lavar aqueles lenços sujos, que eram assim porque na época as famílias tinham várias empregadas, e não trabalhavam fora de casa.

Ela também mostrou alguns que eram de sua avó bordados com o sobrenome. Sua filha gostou tanto que pediu para que lhe ensinasse a bordar. Elas começaram um bordado de ponto cruz, mas Bel logo cansou daquilo e disse a sua mãe que as mulheres do seu tempo faziam aquilo porque não tinham mais nada para fazer além de cuidar das tarefas domésticas.

Bisa Bia adorou a ideia de ver sua bisneta bordando, a elogiou pela atitude de aprender a bordar, e também aproveitou a oportunidade para se justificar novamente dizendo para ela que estava tentando ajudar quando derrubou o lenço de seu bolso para que Sérgio o apanhasse e iniciasse uma conversa com Bel.

Mas a voz misteriosa apareceu novamente e interferiu dizendo que se Bel quisesse falar com ele deveria pegar o telefone e ligar, nada de ficar complicando derrubando lenço.

Desta vez sua bisneta teve que concordar com a voz que lhe disse também: “e larga de ser boba, fica espetando agulha no pano ai vai fazer algo útil”. Bel até concordou com ela, mas, ao ser chamada de boba não aguentou e pediu para que ela não intrometesse na sua vida porque não daria ouvidos a uma desconhecida.

Bel exigia da voz misteriosa para que ela se identificasse antes de interferir na sua vida. Ela concordava com suas interferências, mas não poderia ouvir os

conselhos de uma estranha sem saber sua intencionalidade. Ao descobrir que a dona da voz era Beta, a sua bisneta, ela compreendeu porque ela se preocupava e a ajudava.

Então a dona da voz misteriosa resolveu se identificar para que Bel compreendesse porque ela interferia em sua vida, e lhe disse: “sou sua bisneta Beta, moro aqui a muito tempo em outro século te encontrei no guarda-roupa da minha mãe num retrato velho de uma menininha que era a coisa mais fofo do mundo com um retrato velho na mão”.

Bel passa então a ouvir e aceitar os palpites de sua bisneta, que eram muito diferentes dos conselhos de sua bisavó. Nos momentos em que tinha que tomar decisões sempre ficava com dúvidas sem saber quem tinha razão. Admirava Beta pelos conselhos, queria ser como ela, forte, moderna, decidida, mas em alguns momentos agia como bisavó Bia, com medo de ser diferente do que é considerado normal pela sociedade.

As duas moravam dentro de Bel, elas interferiam na sua formação. Quando ela imaginava que a partir de suas descobertas e aventuras com todos aqueles conselhos estava construindo sua identidade.

Bisavó e Bisneta eram referências na construção da identidade de Bel, assim como outras pessoas próximas que sempre a aconselhavam quando estava em uma situação difícil. Participavam de sua vida e interferiam nela, pois, na construção da identidade da criança ela sofre influência do meio onde está inserida, conforme nos diz Wallon (1975) apud Barbosa 2006 que tratam da importância do meio social na construção da identidade da criança:

A criança ao variar de idade, relaciona-se de diversas maneiras com o meio físico e social, tendo este uma condição de mediar à apropriação cultural. Por isso não se pode ignorar a condição de existência, a qual está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento da sua personalidade, subjetividade e desenvolvimento de sua identidade.

Todo processo de construção da identidade de um sujeito requer o contato com o outro, conforme a citação. Na criança esse processo se dá partindo da família, primeira instituição social que ela habita.

Bisavó Bia insistia em tentar moldar os comportamentos de sua bisneta para que ela se comportasse como as moças de sua época, mas Bel, durante o processo de formação de sua identidade tinha outras referências que consideravam esse

preconceito de gênero de sua bisavó ultrapassados. Por isso, as duas sempre brigavam por possuírem conceitos diferentes em sua formação.

Bel gostava do Sérgio, e sua bisavó sempre interferia e lhe aconselhava que as meninas de sua época não namoravam, se casavam com quem seus pais escolhiam. A cada dia a mania da bisavó Bia de querer que sua bisneta se comportasse conforme os costumes e tradições de sua época aumentava o descontentamento dela, porque em seu meio social essa forma de pensar da sua bisavó era ultrapassada.

Porém, o fato de Bel não concordar com alguns conselhos de sua bisavó não mudava a admiração que ela tinha por bisavó Bia e não a tornava menos influente em sua vida. Ela ainda era presente na vida de sua bisneta e esse laço de amor e parceria ficou para sempre em sua mente.

As principais referências que Bel tomava para si partiam de sua família, pois, ela entrou em contato com seu passado e a partir dele construiu sua história, mesmo se posicionando contra sua bisavó em algumas passagens do livro.

Essa história tem fim na escola. A professora Sônia planejou uma aula a partir da história do retrato de bisavó Bia. Nela os alunos faziam relatos sobre como era o tempo de seus bisavós.

Durante esta aula ela aproveitou também e fez uma surpresa para Bel entregou a ela o retrato de bisavó Bia que seus colegas encontraram caído no pátio e durante toda história esteve guardado com a professora que esperou a melhor oportunidade para devolvê-lo. A emoção era grande, mesmo tendo o retrato de sua bisavó como tatuagem em seu peito ela sentia muito pela perda dele.

Após a entrega do retrato de bisavó Bia para Bel os alunos contaram as histórias de seus bisavós, e um deles, o Vitor, um dos personagens importantes do livro, contou emocionado aos alunos que seu avô morto na época que ele e sua família estavam em Roma exilados, sempre dizia: “quem quer construir os tempos novos geralmente não é compreendido é perseguido e sofre muito”.

Segundo Vitor seu avô contava que sua época foi melhor que a de seu pai, pois nela já não existiam escravos e as pessoas recebiam salários. Ele queria que seu neto compreendesse que a situação que ele estava passando com sua família no exílio também ia passar, assim como o sofrimento de sua família ao longo da história passou.

Percebemos assim, que o tempo não pára, a cada dia construímos uma nova história, os conceitos se alteram; o que considerávamos importante no passado no presente não é mais, acordamos com esperança que cada amanhecer seja melhor, que o anoitecer da noite passada.

A história da família de Vitor nos faz recordar do poema de Carlos Drummond de Andrade “A Noite Dissolve os Homens”, escrito no período do estado novo onde é retratada a esperança de uma futura aurora:

À noite
desceu. Que noite!
Já não enxergo meus irmãos.
E nem tão pouco os rumores que outrora me perturbavam.
A noite desceu. Nas casas, nas ruas onde se combate,
nos campos desfalecidos, a noite espalhou o medo e a total
incompreensão.
A noite caiu. Tremenda, sem esperança...
Os suspiros acusam a presença negra que paralisa os guerreiros.
E o amor não abre caminho na noite.
A noite é mortal, completa, sem reticências,
a noite dissolve os homens, diz que é inútil sofrer,
a noite dissolve as pátrias, apagou os almirantes cintilantes!
nas suas fardas.
A noite anoiteceu tudo... O mundo não tem remédio...
Os suicidas tinham razão.
Aurora, entretanto eu te diviso,
ainda tímida, inexperiente das luzes que vais ascender
e dos bens que repartirás com todos os homens.
Sob o úmido véu de raivas, queixas e humilhações,
adivinho-te que sobes,
vapor róseo, expulsando a treva noturna.
O triste mundo fascista se decompõe ao contato de teus dedos,
teus dedos frios, que ainda se não modelaram, mas que avançam
na escuridão
como um sinal verde e peremptório.
Minha fadiga encontrará em ti o seu termo,
minha carne estremece na certeza de tua vinda.
O suor é um óleo suave, as mãos dos sobreviventes
se enlaçam,
os corpos hirtos adquirem uma fluidez, uma inocência, um perdão
simples e macio...
“Havemos de amanhecer. O mundo se tingem com as tintas da antemã e
o sangue que escorre é doce, de tão necessário para colorir tuas pálidas
faces, aurora”.

Aproveitando um pouco mais de Drummond podemos perceber que essa esperança surge em um novo dia, um novo amanhecer, onde se constrói a história, ou seja, onde construímos nossa história a partir do tempo, tempo esse que pode ser definido com a música Paupixuna, de Paulo Andre, nos que diz:

Uma cantiga de amor se mexendo
Uma tapúia no porto a cantar

Um pedacinho de lua nascendo
 Uma cachaça de papó pro ar
 Um não sei quê de saudade doendo
 Uma saudade sem tempo ou lugar
 Uma saudade querendo, querendo
 Querendo ir e querendo ficar
 Uma lera, uma esteira, uma beira de rio
 Um cavalo no pasto, uma égua no cio
 Um princípio de noite, um caminho vazio
 Uma lera, uma esteira, uma beira de rio
 E, no silêncio, uma folha caída
 Uma batida de remo a passar
 Um candeeiro de manga comprida
 Um cheiro bom de peixada no ar
 Uma pimenta no prato espremida
 Outra lambada depois do jantar
 Uma viola de corda curtida
 Nesta sofrida sofréscia de amar
 Uma lera, uma esteira, uma beira de rio
 Um cavalo no pasto, uma égua no cio
 Um princípio de noite, um caminho vazio
 Uma lera, uma esteira, uma beira de rio
 E o vento espalhado na capoeira
 A lua na cuia do bamburral
 A vaca mugindo lá na porteira
 E o macho fungando cá no curral
 O tempo tem tempo de tempo ser
 O tempo tem tempo de tempo dar
 Ao tempo da noite que vai correr
 Ao tempo do dia que vai chegar
 Uma lera, uma esteira, uma beira de rio
 Um cavalo no pasto, uma égua no cio
 Um princípio de noite, um caminho vazio
 Uma lera, uma esteira, uma beira de rio

O tempo é capaz de curar as cicatrizes de um passado de sofrimento, de um povo que passou por muitas lutas para adquirir seus direitos e que, no presente, se recorda muito pouco dessas lutas ou finge não se recordar assim como nossos filhos e netos terão poucas lembranças das lutas que passamos para que eles pudessem adquirir certos privilégios.

Ao conhecer a história de Vitor Bel chega à conclusão de que ninguém tem o direito de julgar os outros sem conhecer sua história, pois ele era considerado estranho pela turma por não conversar e sempre preferir ficar quieto no seu canto. A partir deste momento todos os alunos compreenderam porque ele se comportava daquela forma.

Ao fim da história Bel se define como trança de gente, “igualzinho quando se faz trança no cabelo, divide em três partes e vai cruzando umas com as outras, a parte dela mesma, a parte de bisa Bia, e a parte de neta Beta, e alguma neta e

bisneta vai fazer com ela, sempre assim cada vez melhor, para cada um e para todo mundo”.

Essa definição trança de gente é o modo como Bel recebeu as influências no desencadear de toda história na construção de sua identidade, partindo de sua bisavó para formar seus conceitos.

Percebemos na história que as principais referências que Bel tinha eram de sua Bisavó e bisneta Beta. Apesar de conviver no espaço social da escola em nenhum momento ela toma como referência um colega de sala ou professor, pois a família é a primeira instituição social que a criança habita e com que laços afetivos, tornando assim a mais importante influência na construção da identidade da criança.

A admiração que Bel tinha por sua bisavó a colocava como principal referência na formação de sua identidade, mesmo sendo uma personagem imaginária com uma construção cultural em uma época extremamente conservadora.

E ao se negar a se comportar como sua bisa se comportava no seu tempo (como, por exemplo, ocupar um espaço que é predestinado às mulheres de dona de casa, que cuida das tarefas domésticas sem autonomia), quando ela agia contra a vontade de sua bisavó estava tomando uma postura ativa no processo.

É visível essa postura em Bel quando ela brincava de “pega pega”, de subir em árvores entre outras brincadeiras como uma criança que em seus desejos não conhece o preconceito da sociedade “machista” que determina que meninas prefiram a cor rosa, use saia, e brinquem de boneca.

Quando se comportava desta forma estava tomando uma postura ativa na construção de sua identidade, conforme a citação de WALLON (2001) apud Costa e Pessoa (2014) que nos diz que a criança é ativa no processo de construção de sua identidade

Os primeiros contatos entre a criança e o ambiente são de ordem afetiva. A sua comunicação se dá pelo diálogo tônico, portanto, é afetiva e acontece numa certa continuidade, pois, a criança está unida ao outro, confundida com ela mesma, com as pessoas, com o meio ambiente. É pela interação que vai sendo possível essa diferenciação entre o “eu” e o “outro”. Isto é importante para a formação da identidade infantil, pois, muitas vezes esse “outro” não cumpre exatamente a função de continuidade, não responde de forma fundida, rompendo com os desejos da criança, frustrando-a e desafiando-a.

Partindo da citação para uma análise do processo de construção da identidade de Bel notamos que ela se frustrava quando sua bisa Bia agia para ajudá-

la ou aconselhá-la, mas partia dos conceitos da sua época de uma construção histórica antiquada e totalmente oposta a época de sua bisneta.

Nestes momentos ela buscava os conselhos de sua bisneta Beta por considerar seus conselhos mais próximos da época em que estava vivendo.

As duas personagens imaginárias, bisa Bia e a bisneta Beta, foram as mais importantes na construção da identidade de Bel, provavelmente, um dia essa fantasia deixou de fazer parte de sua memória, mas surgiram outras personagens reais que continuaram esse processo, assim como ela também influenciou outras crianças, como uma engrenagem, que não para e se transforma e modifica no tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as discussões apresentadas neste trabalho conclui-se que a identidade é um processo sócio-histórico em constante transformação, se dá através da relação com o outro, pois, a partir dela ocorre o reconhecimento do eu.

A identidade determina o processo de aprendizagem deste aluno e sua relação com a sociedade. A família e a escola são de suma importância neste processo, pois, interferem na formação desta criança orientando o processo.

No processo de desenvolvimento cognitivo para que o aluno se desenvolva o professor deve partir da realidade onde a criança está inserida, compreender as dificuldades daqueles que estão à margem para que não se perpetuem as diferenças sociais.

A construção da identidade do sujeito se dá no tempo e no espaço, portanto, a religião, a cultura e a localidade determinam o modo como essa criança se constitui.

O tempo, assim como as identidades, podem ser contextualizados como uma metamorfose em constante transformação, um influencia o outro. A história define o modo como a sociedade se organiza nos espaços sociais no presente passado e reflete no futuro.

Podemos concluir a partir desses conceitos apresentados e os presentes na história *Bisa Bia bisa Bel*, obra de Ana Maria Machado, que a criança escolhe uma referência que pode ser de ordem afetiva ou imaginária e parte dela em sua formação enquanto sujeito, mesmo que de forma inconsciente. Esse processo se estende durante toda sua vida, sempre um recebendo a influência do outro.

Conforme a definição de Ana Maria Machado no livro *Bisa Bia bisa Bel*, esse processo é como uma trança de gente sempre sofrendo influências de um e de outro.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos. D. **Sentimento do mundo**, Rio de Janeiro, Pongetti, 1940.

ARAGÃO, Milena.; KREUTZ, Lúcio. **Considerações acerca da educação infantil: história, representações e formação docente**. Disponível em: www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/174/165. Acessado em 12 set. 2017.

BARATA, Paulo A. **Paupixuna**, gravadora Continental. São Paulo, C1978.

BARBOSA, Ivone G., LOPES, Ester. A., **A relação entre as organizações familiares e a constituição da identidade na infância: perspectivas vinculadas pela psicologia e pedagogia e a visão sócio-histórico-dialética**. Disponível em: https://eventos.fe.ufg.br/up/248/o/Ivone_Garcia_Barbosa_e_Ester_Alves_Lopes.pdf. Acessado em 27 set. 2017.

CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo, Paz e Terra, 1986.

PESSOA, Camila. T., COSTA, Lúcia. H. F. M. **Constituição da identidade infantil: significações de mães por meio de narrativas**. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572014000300501. Acessado em: 04 set. 2017.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Editora Brasiliense (1987).

FINCO, DANIELA, **Relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas**. Disponível em: <http://www.cppnac.org.br/wpcontent/uploads/2013/07/Rela%C3%A7%C3%B5es-de-genero-nas-brincadeiras-de-meninos-e-meninas.pdf> acessado em 11 out. 2017.

GUATTARI, F. e ROLNIK, Suely. **Cartografias do desejo**. Petrópolis, Vozes, 1993.

GUZZO, Raquel. S. L. e FILHO, Antonio. E., **Desigualdade social e sistema educacional brasileiro: a urgência da educação emancipadora**. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-98432005000200005. Acessado em: 10/09/2017

KUHLMANN, MOYSÉS J., **histórias da educação infantil Brasileira**. São Paulo, 2003, 7,8,9 p. (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS).

LOPES, DANIELA APARECIDA BERNARDINO LOPES et al, **A importância da relação entre escola e família no desenvolvimento intelectual e afetivo do aluno**. Disponível em: <http://facsapaulo.edu.br/uploads/files/artigo%202.pdf>. Acessado em 03 nov.2017.

LURIA, A.R. **Desenvolvimento cognitivo seus fundamentos sociais e culturais**. 3. ed. São Paulo: Ícone, 1990.

MONTESSORI, Maria. **O tempo da criança**. Disponível em: <https://larmontessori.com/2017/05/29/o-tempo-da-crianca/>. Acessado em: 15 out. 2017.

SOUZA, Vera L. T.; FARIA, Ederson. **Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004 . Acesso em: 04 nov.2017.

MACHADO, Ana. M. **Bisa Bia bisa Bel**, São Paulo: Salamandra.

NIEHUES, Mariane. R.; COSTA, Marli. O. **Concepções de infância ao longo da história**. Disponível em: <https://periodicos.ifsc.edu.br/index.php/rtc/article/download/420/342>. Acessado em: 18 set.2017.

SALVADOR, C. C. et al. (org.). **Psicologia da educação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul,1999.

VYGOTSKY, LEV. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 135 p. (Coleção Psicologia e Pedagogia).

VYGOTSKY, LEV. S. **A linguagem e o outro no espaço escolar: e a construção do conhecimento**. 4.ed. Campinas :Papirus, 1995. (Coleção Magistério: formação e trabalho pedagógico).